

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

DAYANE ALMEIDA DE SOUZA

**REGIONALISMO E COTIDIANO: UMA LEITURA DE *VERANICO DE JANEIRO*
DE BERNARDO ÉLIS**

JARDIM/MS

2015

DAYANE ALMEIDA DE SOUZA

**REGIONALISMO E COTIDIANO: UMA LEITURA DE *VERANICO DE JANEIRO*
DE BERNARDO ÉLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Susylene Dias de Araujo

JARDIM/MS

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

SOUZA, Dayane Almeida de. **Regionalismo e cotidiano:** uma leitura de *Veranico de Janeiro* de Bernardo Élis. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Jardim, 2015. 42 p.

1. Bernardo Élis

2. Contos

3. Linguagem cotidiana

4. Literatura.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para a publicação e reprodução de cópia(s) deste trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Dayane Almeida de Souza

DAYANE ALMEIDA DE SOUZA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**REGIONALISMO E COTIDIANO: UMA LEITURA DE *VERANICO DE JANEIRO*
DE BERNARDO ÉLIS**

APROVADO EM: _____ / _____ / _____

Prof. Dr^a Susylene Dias de Araujo
Orientadora

Prof^o. Me. Rosicley Andrade Coimbra
1^o. Examinador

Prof^o. Me. Cléber José de Oliveira
2^o. Examinador

“A literatura torna o mundo real, dando-lhe forma e permanência”.

Fernando Pessoa
5

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que iluminou meu caminho me concedendo saúde e força durante toda minha vida.

A minha mãe, heroína que me deu apoio incondicional, amor e incentivo em todos os momentos.

A minha orientadora Prof^a Dr^a Susylene Dias de Araujo, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Ao meu namorado Renato que me incentivou desde o começo a ingressar nessa graduação e me apoiou todos esses anos e, minha cunhada Renata por todo suporte e incentivo durante toda essa jornada.

A minha amiga Marystela, companheira de todos os momentos nessa caminhada, a minha amiga Sandra por sua amizade e força e, a todos os meus amigos que fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

SOUZA, Dayane Almeida. **REGIONALISMO E COTIDIANO: UMA LEITURA DE *VERANICO DE JANEIRO* DE BERNARDO ÉLIS**. 2015. 42 FOLHAS. TCC (Graduação) – Curso de Letras – Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2015.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é uma leitura analítica dos contos “*Veranico de Janeiro*” e “*A enxada*” da obra *Veranico de Janeiro* (1977) de Bernardo Élis. Como busca de referências da linguagem cotidiana a partir dos títulos escolhidos, podemos perceber com nitidez a opção do autor por evidenciar a sabedoria do mundo cotidiano como forma de evidenciar ou vivenciar a realidade. A metodologia utilizada percorrerá obras teóricas sobre literatura e o cotidiano na natureza conluiada com o homem. O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro é feita uma abordagem sobre o que é literatura com seus temas e escolhas seguindo as ideias de Luciana Picchio (1997) e Bergezr (2006); o segundo capítulo refere-se à vida e obra do autor Bernardo Élis juntamente com um apanhado sobre o regionalismo que é muito presente em suas obras; o terceiro capítulo é dedicado à análise dos contos citados acima, fazendo uma leitura identificando a literatura presente no cotidiano dos personagens.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Bernardo Élis; 2. Contos; 3. Linguagem cotidiana; 4. Literatura.

ABSTRACT

SOUZA, Dayane Almeida. **REGIONALISMO E COTIDIANO: UMA LEITURA DE VERANICO DE JANEIRO DE BERNARDO ÉLIS**. 2015. 42 FOLHAS. TCC (Graduação) – Curso de Letras – Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2015.

The objective of this work of course conclusion is an analytical reading of the stories “*Veranico de Janeiro*” and “*A enxada*” of the workmanship *Veranico de Janeiro* (1977) of Bernardo Élis. As search of references of the daily language from the chosen headings, we can perceive with clearness the option of the author for evidencing the wisdom of the daily world as form to evidence or to live deeply the reality. The used methodology will cover theoretical workmanships on literature and the daily one in the nature collusive with the man. The work is divided in three chapters: in the first one a boarding is made on what it is literature with its subjects and choices following the ideas of Luciana Picchio (1997) and Bergezr (2006); as the chapter together mentions the life and workmanship to it of the author Bernardo Élis with summary on the regionalism that is very present in its workmanships; the third chapter is dedicated to the analysis of cited stories above, making a reading identifying present literature in the daily one of the personages.

KEYWORDS: 1. Bernardo Élis; 2. Tales; 3. Daily language; 4. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1.....	11
O QUE É LITERATURA?.....	11
1.1 Definindo o tema.....	11
1.2 Literatura Brasileira: temas e escolhas.....	13
1.3 Regionalismo.....	16
CAPÍTULO 2.....	20
O REGIONALISMO DE BERNARDO ÉLIS.....	20
2.1 Apontamentos Biográficos.....	20
CAPÍTULO 3.....	28
UMA COMPARAÇÃO DA FICÇÃO COM A REALIDADE NA OBRA DE BERNARDO ÉLIS.....	28
3.1 <i>Veranico de Janeiro</i>	28
3.2 <i>A Enxada</i>	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO

É possível afirmar que a literatura ou as narrativas literárias se fundamentam nas vivências, experiências e perspectivas do autor, e ele não possui compromisso com a “verdade” e brinca com esta para compor o “real” e o “irreal” na obra, uma ficção. Assim, é necessário observar a trajetória socioespacial do literato, sua história de vida e as especialidades que compõe simbolicamente suas vivências, a fim de entendermos o processo de produção da obra e ela em si.

A obra em questão *Veranico de Janeiro* é uma coletânea composta por seis contos, sendo estes: “Veranico de Janeiro”, “A enxada”, “Rosa”, “O padre e um sujeitinho metido a rabequista”, “Dona Sá Donana” e “O fuxico da fonte do Taquari”. Bernardo Élis se fundamenta em suas vivências e experiências no sertão goiano, de onde retirou referências para compor sua linguagem e representações. Isso é nítido em *Veranico de Janeiro*, pois, o literato não somente expressa a sociedade goiana e suas contradições marcadas no tempo-espaço, mas também a relação desta com o meio ambiente e, conseqüentemente, a constituição das paisagens dessa relação. Bernardo Élis deixa nítido em sua obra literária, paisagens, lugares, personagens, estéticas, linguagens etc. que se referenciam em um modo viver do cerrado goiano.

Este trabalho está dividido da seguinte maneira: no primeiro capítulo, serão abordadas algumas questões sobre o que é literatura envolvendo temas da literatura brasileira, usando como fundamento Luciana Picchio, bem como o regionalismo que é muito exposto em suas obras. Na sequência, o segundo capítulo abordará a vida e obra do autor Bernardo Élis.

Finalmente, para encerrar, no terceiro capítulo, é realizada uma análise comparativa da literatura e cotidiano, baseada nos contos “Veranico de Janeiro” e “A enxada” de Bernardo Élis. Desse modo, a proposta deste trabalho de conclusão de curso busca explorar a questão do regionalismo e do cotidiano a partir da leitura dos contos “Veranico de Janeiro” e “A enxada” do livro de Bernardo Élis.

CAPÍTULO 1

O QUE É LITERATURA?

1.1 Definindo o tema

Se fizermos a pergunta “O que é literatura? a uma pessoa qualquer, ela se sentirá um pouco surpresa e provavelmente irá responder referindo-se a um livro de romance ou poesia, algo do tipo”. E, assim, a definição de literatura vai sendo passada com a impressão de que quando falamos sobre o assunto, estamos nos referindo a algo concreto como, por exemplo, um livro ou algo assim.

“O que é literatura?” é antes de tudo uma pergunta histórica, pois a literatura que temos hoje não é a mesma de muitos anos atrás, desenvolvida mais completamente a partir do século XIX. Segundo Aguiar e Silva (1988 apud Zappone e Wielewicki 2009) a palavra literatura, deriva da palavra latina *literatura*, que fora, por sua vez, imitada do substantivo grego *grammatiké*. Entre o século XV e XVIII, o indivíduo que era capaz de realizar uma leitura ou havia realizado leituras, possuía grande conhecimento e, nessa época a literatura era posta aos indivíduos e não feita. Sendo assim, como eram poucos os que tinham o privilégio de ler, ela foi designada como algo para as classes privilegiadas, sociais particulares. A partir do século XVIII que o termo literatura vai tomando forma e passa a ser relacionado a uma ideia de gosto. Como se pode notar, a palavra literatura passou por um grande processo de especialização, de leitores a textos de sensibilidade. E é aí que começa a discussão de que literatura são métodos mais objetivos, mais concretos. Em *O escritor e o público*, de 1955, Antônio Candido (apud Zappone e Wielewicki, 2009) aborda um pouco sobre a obra e o leitor na literatura. Para ele:

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando. (Antônio Candido, 1980, p.84, *Literatura e Sociedade*).

Como podemos perceber, várias características podem ser apresentadas como referência à literatura, mas não são essas várias definições que vão apontar se um texto é literatura ou não, ou se é literatura boa ou ruim. Ainda no século XVIII, os conceitos de

literatura começam a se desenvolver através do gênero literário “romance”, gênero escolhido para a escrita do “imaginativo”, de algo que não existe.

No texto intitulado “Afinal, o que é Literatura”? Miriam Zappone e Vera Wielewicki (2009), as autoras reservam parte da discussão sobre a definição de literatura para o âmbito das universidades, lugar onde pesquisas e publicações determinam atualmente a divisa dos conceitos, ditando o que é literatura para alguns e, se essa literatura é boa ou ruim para ser lida. As estudiosas argumentam que, somente os professores e acadêmicos de universidades têm curiosidade sobre a construção de um poema literário hoje em dia e credencia a comunidade acadêmica com o conhecimento para transpor à comunidade o valor da literatura, passar o interesse minucioso para os leitores.

No que diz respeito aos leitores, a literatura sempre merece uma atenção especial, pois, possui elementos que levam o leitor ao contato com um momento histórico, do qual participam personagens e acontecimentos que os colocam em contato com momentos fictícios que não podem ser lidos de qualquer maneira. A literatura leva o leitor a examinar as descobertas de um texto de modo analítico e possibilita aos leitores novas leituras diante do texto.

A literatura percorre um caminho pelo qual o artista sente e manipula as palavras, organizando-as para que elas passem do nível da objetividade, aproximando-se do imaginário, pois, as obras de um escritor nada mais são que frutos de sua própria imaginação. No momento em que o escritor passa a se basear em elementos reais, é aí que nasce uma obra literária. A literatura é uma manifestação artística e difere-se das demais artes a partir da utilização da linguagem como matéria-prima, utilizada para a manifestação dos fatos.

A literatura pode ser uma fotografia de seu tempo vinculada a um propósito artístico. Será que podemos dizer que literatura é livre para que qualquer um dê a ela sua definição própria? Será que aquele poema que você fez para sua mãe e, aquele romance que você leu na escola, são textos literários iguais? Para qualquer pessoa essa pergunta causa desconforto, pois cada um acredita que esses textos são realmente literatura. Não há uma definição pronta realmente para julgarmos algum texto ou escritor. Surge então, uma resposta simples, que depende do ponto de vista de cada um: definir literatura depende do ponto de vista que o indivíduo tem sobre a linguagem e, finalmente quando chegamos ao consenso de que a obra literária é algo social, para que ela exista, é preciso haver uma pessoa que escreva e uma pessoa que leia, para que finalmente a arte como fenômeno social exista. Nessa equação,

ficam de lado as pessoas que fazem parte do círculo social, atuando para que o texto literário chegue às mãos do leitor.

Na esteira dessa discussão, acreditamos que as definições são múltiplas. Conforme o tempo vai passando, as definições para literatura vão se tornando frutos de tarefa cada vez mais ampla e longa. Podemos encontrar outras definições para o termo literatura, podendo dizer que nela está um conjunto de produções, um estilo de uma época, um grupo de obras, etc. A ideia central da literatura, pode ser definida como a arte de criar e compor textos. Temos, dentro da literatura, inúmeros tipos de produção artística, ou literária. Na prosa, os textos são narrados; na poesia, estão os textos rimados (ou não); a literatura pode ser romântica, pode contar histórias de amor, aventura e muitas outras.

Assim como a música, a pintura e a dança, a literatura é considerada uma arte. Através dela temos contato com um conjunto de experiências vividas pelo homem sem que ele as tenha vivido, como dissemos, a literatura instaura-se no imaginário. A literatura pode ser considerada também, como um instrumento de comunicação, pois pode, por exemplo, transmitir a cultura de um povo, o que iremos tratar mais adiante neste trabalho. Retomando suas possíveis definições, chegamos à essência de que na literatura as histórias são escritas para o leitor, baseada em atos reais, mas, passada para o papel com o imaginário, redescobertas de fatos históricos em um conjunto de textos. Algo criado da interação do autor e o leitor.

Literatura é tudo aquilo que pode ser lido e interpretado como literatura, é tudo aquilo que desperta a imaginação do leitor e lhe provoca emoções, como por exemplo, romance para uma mocinha apaixonada. Sendo assim, a boa literatura é aquela que transmite adequadamente o que queria transmitir, sendo profundo ou não, mais sendo desde uma crônica escrita todos os dias em um jornal, até um poema longo e instigante. Isso é a literatura.

1.2 A literatura brasileira: temas e escolhas

Segundo Luciana Stegagno-Picchio (1997) os temas presentes na literatura brasileira são temas histórico - folclóricos e histórico - sociais destacando elementos como o índio, o negro, a cana-de açúcar, a seca, o sertão, a Amazônia, a Bahia e o arranha-céu como representação de uma escolha urbana e, assim, a história do Brasil está de fato ligada a

literatura. Esses temas são verdadeiramente representações da literatura brasileira, pois cada um relata até o período histórico da nossa cultura.

Em *História da Literatura Brasileira* (1997), Luciana Picchio descreve como os temas citados acima, são cronologicamente apresentados a literatura, juntamente com a história brasileira.

Os grandes temas são aqueles fornecidos por um ambiente, coisas e homens, sobre o qual incide, modificando-o através dos anos a obra do colono conquistador. (Luciana Picchio, 1997, p.32, *História da Literatura Brasileira*).

O primeiro tema é o índio: o tema que mais se submete a mudança. O índio brasileiro do século XVI era visto como um selvagem que não tinham história, pois não tinha civilizações e mantinha-se na linha da inocência. Na literatura, o índio primitivo, aquele que traz consigo as suas origens, o índio puro, torna-se um símbolo de povo livre, selvagem que logo se torna herói do Romantismo e, assim, se torna personagem ícone de nossa literatura. A figura do índio virou moda não só no Brasil, mas no mundo e, sendo assim, passa a ser modelo nas obras brasileiras. Tempos depois as coisas mudam, e o nativo que era usado como modelo, passa a ser cópia de índios românticos. Os índios não desaparecem totalmente depois do Modernismo, voltam como personagens exemplares nos romances de Darcy Ribeiro.

Ainda segundo Luciana Picchio, o negro que era escravo no tempo da colonização brasileira, pouco a pouco, foi tornando-se o sangue do Brasil. Ao analisar a representação do negro na Literatura brasileira, percebemos a ideia de inferioridade de uma raça e superioridade de outra. A mudança literária é lenta e só ocorre pela informação social e, assim, o Brasil vai aos poucos conquistando a inclusão do negro. Durante muito tempo, a escrita das obras literárias mostra o negro inferiorizado etnicamente às narrativas brasileiras seguem caracterizando o negro com temas que lembram sua escravidão, seu relacionamento de servo para patrão. É importante reforçar que a Literatura brasileira tem essa perspectiva do negro, passivo e sem voz ativa, porque a escrita canônica é basicamente produzida por homens brancos, de elite social, produtores de obras literárias que seguem um padrão de escrita para ser aceita.

Na sequência da discussão cronológica sobre os temas da literatura brasileira, Luciana Picchio também menciona o ciclo da cana-de-açúcar, tema que reflete a vida dos brancos e negros no nordeste e, em seguida do o sertão brasileiro com suas secas e leis próprias. Mais adiante, nos contos selecionados para essa pesquisa, veremos que uma nova temática,

relacionada ao sertão goiano, também torna-se determinante para nossa literatura. Uma característica muito vista nas obras do sertão é a caracterização do povo, muitas vezes descrito como rude e sofrido, representante direto do ambiente em que está inserido, tendo de conviver com a espera da água, superando a miséria e travando uma luta constante pela sobrevivência.

Para finalizar a discussão, Luciana Picchio, apresenta o nascimento da literatura da Amazônia. Nessa temática, o folclore entra com o imaginável nas obras literária e o folclore é toda a cultura do país. As personagens dessa literatura são índios, negros e até os portugueses. A literatura de cordel começa a florescer, conhecida no Brasil como um folheto popular que tem escritas rimadas, uma literatura menor. Até hoje vendida de feira em feira pelos próprios autores, vários temas podem virar cordel nas mãos de seus autores. Segundo a estudiosa, o Brasil não pode se resumir somente em termos de sertão e folclore. Há também os arranha-céus das grandes cidades, os negros e mulatos que são vistos como símbolo do carnaval e da música no Rio, mas também ao mesmo tempo, como marginais que vivem nas favelas em meio à miséria e vício. Nem mesmo Salvador fica de lado nas considerações da autora, que se lembra dessa importante capital do país, tão mencionada pelo colorido da obra de Jorge Amado. E assim, a miscigenação brasileira vai sendo citada como modelo para os temas de nossa literatura.

É arriscado tratar os estudos e contextos literários por agrupamentos temáticos, como se percebe atualmente. A crítica temática, globalmente associada à nova crítica, se baseia nesse argumento e esta apoiada em diversas polêmicas entre defensores e adversários da modernidade.

A nova crítica tem seu desenvolvimento, sobretudo, no campo da linguística, do estruturalismo e da psicanálise, estruturando três correntes. Já a crítica temática pretende preservar a independência de cada uma dessas correntes. Mas o que acontece é que a crítica temática não constitui uma doutrina, mas sim, se desenvolve como uma pesquisa, a partir de uma intuição central. A questão de destaque dessa reflexão centraliza-se na rejeição de qualquer concepção alegre capaz de considerar um texto literário como passível de esgotamento por meio de uma investigação científica (BERGEZR, 2006), ressalta-se então, que a literatura não é relativa a conhecimento e, sim, sua essência espiritual.

Partindo de que a poesia é consagrada em textos de alguns escritores, como Albert Béguin e Gaston Bachelard, conclui-se que a crítica temática, é tida como filha do Romantismo. Esse termo é herdado da antiga oratória, pois concedia grande importância aos

topos de um texto, mas, no início do século XIX, com o desenvolvimento do comparativismo linguístico e literário, o “tema” fornece um elemento comum de definição ou incentivo, capaz de permitir a comparação, a partir de um mesmo índice, de obras de autores diferentes.

Desse modo, é importante citar a corrente romântica alemã iniciada também no século XIX, cuja característica marcante foi a teria da obra de arte, que futuramente foi retomada com a crítica temática. Essa corrente faz referência a uma consciência criadora, a uma essência pessoal a que se subordinam todos os elementos formais e casuais da obra, constituindo seu objeto – tema de inspiração, composição, constituição e formação.

A influência alemã teve sua continuidade no pensamento dos críticos temáticos através da filosofia de Heidegger, destacando o romantismo como primeira escolha da crítica temática da época. Béguin, Raymond, Poulet e Richard voltaram-se a uma literatura da consciência, abordada como ponto de partida de todos os românticos independente de diferentes pontos de chegada.

Nessa mesma perspectiva, a arte surge como um motivador de experiências capaz de produzir diversos sentidos que repercutirão em toda vida. Não é coincidência então, que todos os críticos de inspiração temática concordam nesse ponto. E, com relação ao leitor e ao escritor, a obra de arte não pode ser estudada por si só.

Segundo Bergezr (2006), J.Starobinski relata que o escritor, se contesta, se excede e se modifica em suas obras. E ai a crítica temática não aceita que o escritor conceda a obra, sua essência mental, visto que a mesma tem uma função de desvendar o eu do artista. A crítica temática propicia uma atenção voltada ao fato do autor inserir essa interioridade em sua obra.

1.3 Regionalismo

Antes de adentrarmos no tema regionalismo na literatura, mencionaremos um levantamento bibliográfico que Ligia Chiappini (1995) fez nos anos 1992-93, com relação a esse mesmo assunto. Para Ligia, o regionalismo, antes considerado ultrapassado para a crítica literária, permanece muito presente até hoje, até mesmo como tema de pesquisas atuais voltadas a estudos literários. Ainda segundo Ligia, o professor de literatura brasileira da USP, José Carlos Garbuglio, falou certa vez que o regionalismo tinha “fôlego de gato”, pois o que a pesquisa dela observou é que esse regionalismo não é só no Brasil e, sim no mundo todo, não

é só manifestação de grupos de escritores, que defendem uma literatura com tema e tipos de certa região rural, relacionado à sua cultura e costumes.

Chiappini (1995) ainda fala que o regionalismo desperta certo mal-estar no pesquisador devido a uma divisão que, de um lado tem as tendências pitorescas, esquecidas condenadas a um simples beco e, do outro, a superação dessas dificultosas tendências, até mais significativa que um romance.

Foi a partir dessas pesquisas, que a mesma autora formou algumas teses que tenta explicar como o regionalismo nacionalista, tem a mesma política do regionalismo em outros países, como o homem do campo pode ter proximidade com o homem da cidade, vencendo o preconceito e respeitando a classe e cultura de cada um.

Esse mal-estar, de certo modo, gerou estas teses, onde tento problematizar juízos críticos estereotipados que generalizam para a tendência como um todo as limitações estéticas e ideológicas da maior parte, reconheço, das obras que o regionalismo tem produzido (Ligia Chiappini, 1995, p.154).

Essas mesmas teses trazem também, como o leitor e o escritor em relação ao tema regional, devem andar lado a lado humanizando o personagem rural em vez de diminuí-lo. Ambos devem estabelecer uma conexão amorosa por lugares diferentes, que permita o homem da cidade juntamente com o homem do campo, saírem dos seus becos e, aprenderem a conhecer outros diversos becos deste mundo.

Na sequência da discussão, Ligia Chiappini (1995) também menciona como o regionalismo desde que surgiu, passa por um conflito com a modernização. E são essas questões mencionadas até agora, que Ligia usa para desenvolver as teses e, o que faz motivar a estudar cada vez mais os movimentos regionalistas.

Para Ligia, a obra literária regionalista tem sido definida como livro que traduz uma originalidade local com costumes, crenças e modismo ligando a áreas do país como: regionalismo gaúcho, nordestino e muitos mais. Sendo assim, podemos falar que há o regionalismo rural e urbano. O regionalista foi denominado pela literatura como obras que exprimem regiões rurais e com elas os personagens e ações, procurando expressar sua cultura linguística. Com a modernização do espaço agrícola, o desenvolvimento das cidades e a literatura urbana, o regionalismo foi considerado atrasado. Mas o que acontece é que, o regionalismo é um fenômeno universal e assim continua dando produção como temática.

Em “*Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*”, Ligia Chiappini de como o regionalismo era até confundido com folclore por ser julgado mal como ponto de vista estético e ideológico:

Os críticos costumam menosprezar o regionalismo por essa impureza, julgando-o também conservador tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista ideológico (Ligia Chiappini, 1995, p.156).

Como percebemos, o regionalismo é muito criticado, pois em muitos lugares ele é visto como o homem pobre da área rural que o escritor tenta fazer falar para uma classe e cultura preconceituosa, que somente por meio da arte poderia entender o diferente e respeitá-lo como um humano.

O escritor regionalista passou por um tempo muito duro para conquista de suas obras, pois o verdadeiro escritor tem de saber nome exato de animais, plantas, rios, tudo em detalhes, não somente saber o nome de uma determinada região conhecida no mapa. Por mais que seja uma história ficcional, o escritor tem que descrever uma região geográfica com riqueza de detalhes literalmente, para transpor ao mundo um espaço realista mais talvez, ao mesmo tempo fictício.

A função do regionalismo é que através de um material que se refere ao beco, o escritor alcance uma grandeza de beleza em sua obra e, com ela a expectativa de que os leitores de outros becos se entreguem a essa mesma leitura permanentemente.

Para Carrizo (2013), o regionalismo passa de norte a sul e por vários autores como Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos e, por mas que sejam importantes nomes, o regionalismo continua sofrendo preconceito por meio da alta sociedade e até mesmo por outros autores que se intitulam como modernos e universais, pois acreditam que o discurso regionalista é voltado somente para países e regiões subdesenvolvidos. Todavia, a autora ressalta que trabalhar com este tema é também enfrentar a crítica literária e cultural que juntamente com a modernidade, faz a divisão do rural com o urbano.

Ainda segundo Carrizo (2013), o discurso regionalista sempre teve que passar por uma luta representativa e existente, não só pelo predomínio econômico, que é o maior em quase todos os lugares, mas também pelo predomínio cultural, pois além de lutar para um reconhecimento de identidade, o regionalismo também quer expor e expressar as tradições do contexto do regional. O regionalista tem um conceito excessivo do natural, sendo assim, esses

escritores buscam novos pensamentos sobre o regional para que possam agregar a eles nesses estudos.

De acordo com Vallerius (2010), o regionalismo quando relacionado à literatura brasileira, constituiu-se como um fenômeno desenvolvido pela crítica do modernismo, que era denominado como “rural e pitoresco” sendo o regional contrário ao universal e, o rural contraditório ao urbano. Portanto, isso nos faz pensar como o regionalismo supervalorizava o chamado chão local e os valores pertencentes à cultura de um lugar.

Desse modo, retomando o que já foi exposto anteriormente, é nítido como o regionalismo nem sempre foi bem vindo à sociedade, pois desde a história literária, este tema foi definido como modelo romântico que seguia os modelos europeus e, a crítica, não aceitava, pois queriam ter seu próprio modelo literário nacional. Contudo, o regionalismo é um tema literário muito rico em detalhes, que valoriza os traços locais, tanto geográficos como cultural, como é percebido em uma obra literária onde é descrito o clima, a flora e até a fauna presente.

CAPÍTULO 2

O REGIONALISMO DE BERNARDO ÉLIS

2.1 Apontamentos Biográficos

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, poeta e romancista brasileiro, conhecido popularmente como Bernardo Élis, têm sua autobiografia descrita em 1977 no livro *Veranico de Janeiro*, cuja análise permite fazer algumas afirmações a seu respeito. Nasceu em 15 de Novembro de 1915 em Corumbá, entre Pirenópolis e Luzitânia, atualmente chamado hoje de Corumbá de Goiás, no Estado de Goiás. Ele é filho do comerciante Erico José Curado e Marieta Fleury de Campos Curado.

Na sequência, Élis (1977), expõe a trajetória de seu pai, que além de comerciante, também era poeta. Sua mãe era dona de casa, mas também costurava para grandes personalidades de Corumbá de Goiás. Seu histórico familiar revela que sua família pertencia à classe média, descendendo de Bartolomeu Bueno Dias, o segundo anhanguera.

O escritor revela que viveu cerca de oito anos de sua infância em Corumbá, em seguida, mudou-se para Goiás, pois em passeio com sua família em Goiás, foi proposto que seu irmão mais velho ficasse ali pra iniciar seus estudos, todavia, seu irmão recusou essa proposta, regressando com seus pais para Corumbá, diferentemente, obedecendo ao pai, Bernardo Élis fica em Goiás, onde então inicia sua vida escolar.

Em sua história auto narrada, percebe-se que Bernardo Élis têm várias passagens por Goiás, como em 1936, quando foi escrivão de polícia de Anápolis e 1937, quando concluiu o curso secundário no Liceu. Em 1938 voltou para Corumbá e em 1939 para Goiânia, onde reside até hoje. Nesse meio tempo residiu nos anos de 1943 e 1944 no Rio de Janeiro por poucos meses, retornando logo para Goiânia, pois não se adaptava a vida na cidade grande.

É nítido o carinho do poeta à sua terra natal em suas obras, bem como na sua fala. Bernardo Élis exalta a figura de seu pai quando se lembra de seus ensinamentos e lições, mesmo que fizesse isso de modo abrutalhado. Lembra ainda da alegria de viver em Corumbá cercado de belas paisagens, parentes, festas e namoricos com suas primas e conhecidas. Talvez daí se extraia o talento com que aborda o regionalismo em suas obras.

Merece atenção uma adversidade na história desse escritor, contada na sua autobiografia de 1977, acontece que quando escolar, nenhum professor chama a atenção ou simpatia, capaz até mesmo de afirmar que desse período têm apenas lembranças cinzentas. Dizia que os assuntos tornavam-se desestimulantes nas figuras de seus mestres. Contudo, o professor João Setúbal, apesar de sua hostilidade, apresentou-lhe Freud e depois o Marxismo.

Outro fato referente ao professor, que Élis (1977), menciona com carinho na obra analisada, eram as aulas em que os alunos bebiam de um bebedouro, leite morninho todos os dias, o que na verdade deveria ser água, mais ninguém se pronunciava para não perder a regalia, pois parecia que todos padeciam de uma fome constante, assim pensava o professor. E por pensar assim, que com fome não aprenderiam, então fazia esse feito do leite no bebedouro todos os dias e, os meninos tomavam escondidos achando que estavam o enganando. Até hoje o professor Setúbal é lembrado pelo seu grande gesto de compreensão com seus alunos.

Esse episódio faz o grande poeta lembrar-se da casa de seu avô nas suas confissões bibliográficas de 1977, pois este tinha fazenda de gado, casa comercial, mas acabou tornando-se funcionário público. Mas para Élis, o melhor de tudo isso, é que seu avô criava cabras, mesmo que um número pequeno delas, num curral, presas próximas ao muro da casa de Sá Joana, a vizinha. A cerca era de pés de pinhão, único pau que as cabras não destruíam.

Esse mesmo quintal era onde o poeta e seus irmãos brincavam o dia todo, uma vez que seus avós não permitiam que se juntassem aos meninos de rua. Essa prisão em domicílio era justificada por três motivos: sua família descendia de grandes nobres (O Anhanguera, um conde e um general), menino solto não aprende coisas boas e por fim, menino solto gasta muita roupa e calçado. Desse modo, restava o grande quintal da casa dos seus avós, meter-se em panos remendados e pés descalços ao voltar da escola e ler um livro. (ÉLIS, 1977).

Como Élis gostava das cabras, haja vista o modo com que descreve esses fatos autobiográficos, por considerá-las simpáticas, inteligentes e delicadas, ao chegar da escola, corria tratá-las. Dava lhes por ração, a folha da gameleira, outro dia a folha da bananeira e água. Por volta das três horas da tarde, seu avô chegava da repartição, colocava uma roupa velha e se punha a xeretar todo o quintal. Em seguida, as três e trinta, todos deixavam suas ocupações ou brincadeiras e iam jantar.

Como o poeta poderia esquecer as visitas de seu avô após os jantares em família, ou quando as visitas vinham até sua casa, pois a família era grande, e composta por importantes figuras da sociedade. Mas logo às nove da noite, a corneta tocava, anunciando a revista no

quartel, então, era chegada a hora da ceia e todos ia pra cama, mas antes de rezar o terço ou rosários das muitas promessas.

Continuando, às cinco da manhã, seu avô já estava de pé, já tinha feito o café, logo depois se dirigia ao mercado para trazer os complementos do almoço, antes, contudo, recolhia informações sobre tudo o que tinha acontecido na cidade toda, pois ali se reunia a cidade inteira. Às sete e meia, aproximadamente, seu avô tirava o leite das cabras, tão estimadas por Élis.

Na sequência, com o leite, a avó de Bernardo Élis, fazia uma bebida acrescida de farinha de milho, queijo picado e café ralo, a qual chamava de “peitudo”. Depois do desjejum reforçado, todos iam pra escola e só voltavam às dez horas, horário que seu avô dirigia-se a repartição, então, ele tinha que almoçar cedo.

Tamanho era sua estima e de sua família também pelas cabras, que se recorda com alegria do fim de ano, onde seu avô o encarregava de emprestar o bode que o senhor Pinta-Roxa criava. Pouco tempo depois tinha a alegria dos pequenos cabritinhos fazendo estripulias. Contudo, quando estes desmamavam, a tristeza tomava conta da casa toda, pois não havia espaço suficiente para continuarem ali, assim, seguiam para outra família que poderia recolhê-los, mas sem seu avô os perderem de vista. (ÉLIS, 1977).

Élis se lembra de cada detalhe da época da seca que assolava a região, desse modo, exprime detalhadamente esse período e traços do regionalismo que marca suas obras:

Dada à formação geológica pedregosa de Goiás, a seca esturricava tudo, as águas secavam, não se viam senão uns poucos ramos verdes, o calor era insuportável: tudo e todos, em fins de setembro, chamavam por chuvas, as quais tardavam a vir. Quando vinham, uma transformação maravilhosa se dava na natureza: tudo rebrotava, de todo ponto corria água, de toda loca pulava um sapinho, de cada folha voava um pássaro, um besouro, um grilo, um inseto dourado feito uma joia. Com os primeiros chuviscos, o quintal se cobria de um veludo de capinzinho nascendo. (ÉLIS, 1977).

Élis afirma que herdou de seu pai o gosto por contemplar e admirar a natureza. O poeta recorda-se também das fantásticas histórias que seu pai inventava, principalmente quando apareceram os primeiros automóveis. Lembra-se com carinho de como seu pai tinha imaginação fértil, até mesmo ao dizer ao filho que os festejo de 15 de novembro em virtude da Proclamação da república e também aniversário do poeta, eram por sua causa e honra. Élis ficava fascinado com a cena, somente mais tarde entendeu que se tratava de uma data de

comemoração nacional. Desse modo, em 1939 escreveu o poema O homem que fazia anos no dia sete de setembro, cujo conteúdo talvez exprima inconscientemente certo amargor por esse episódio de sua infância: “Hoje, como conheço história do Brasil, mudei a data dos meus anos, que é o dia mais triste do mundo”. (ÉLIS, 1977).

O mesmo autor, por meio das descrições de sua autobiografia, menciona o gosto de seu pai pela literatura e mesmo apesar de residir distante dos grandes centros, assinava jornais, revistas literárias e se mantinha em dia com a literatura, fala ainda de como seu pai, desde muito cedo, colocou em suas mãos grandes obras da literatura como: Os Lusíadas, Iracema, Inocência e outras mais que ele definia como desgraças e velharias que detestava, por que não possuía nenhuma figura para se vê. Mas a partir de 1930, Élis começa a se interessar e ler outros livros literários, em que escritores modernistas escreviam riquezas que ele via sempre e se maravilhava.

A partir desse momento, Bernardo Élis começou a perceber que existia uma ligação entre a literatura e a vida cotidiana, ligação que não conseguia estabelecer nos clássicos Os Lusíadas ou em Eça de Queirós. Mas era natural que ainda não percebesse isso, já que em Goiás não liam jornais ou revistas, somente nas férias podiam desfrutar dessas leituras.

Em 1935, Élis, ao ler ‘*A bagaceira*’ de José Lins do Rego, sentiu de fato, a necessidade de contar coisas de seu cotidiano como Esses brilhantemente contavam, ou seja, coisas de regionalismo. Foi então que Élis escreveu dois romances, mas não quis expô-los, talvez se seu pai não fosse excessivamente exigente, seria mais fácil mostrar suas primeiras obras.

Outro fato contribuía para a ocultação da obra de Bernardo Élis, pois seus professores consideram que romance moderno, aquela época, tratava da pornografia. Mas havia ainda os que falavam da literatura de Camões, Alencar, Chateaubriand, entre outros. O problema então era vencer a timidez e mostrar seu trabalho, enquanto essa audácia não ocorria, o jeito mesmo era ouvir as discussões de seu pai com os primos e irmãos a respeito da literatura.

Em 1934, o poeta e escritor, descreve ainda que vê a possibilidade de apresentar seu poema: “A Chaminé”, logo no primeiro número do jornalzinho do Grêmio Literário do Liceu de Goiás. Na sequência, os dois números consecutivos do jornal, apresentaram poemas seus. Mas Élis não estava sozinho nesse novo desafio, formava um grupo com os demais escritores: José Décio Filho, Ordener Rios, Alaor Gomes de Almeida, Goiás do Couto e Geraldo Campos.

A partir daí, já era possível discutir literatura, comentar livros, obras literárias, frequentar a livraria de Apulco de Alencastro, em frente ao palácio, por intermédio de um amigo e um parente, pois não tinha condições por si só de frequentar tal local. A não ser também por obra de seu irmão que descobriu uma corrente de oração assinada por dez nomes, onde o último nome recebia dez mil-réis. Acontece que seu irmão burlava as regras da corrente e sempre colocava seu nome no final, ou seja, sempre ficava com todo o valor, apesar de saber que isso poderia lhe causar um castigo divino. (ÉLIS, 1977).

Com o dinheiro em mãos, Élis conta que comprou seu primeiro livro de literatura: Antologia de Poetas Modernos, organizado por Atilio Milano, com Bandeira, Drummond, Murilo Mendes e Jorge de Lima. O primeiro livro não se esquece. Tamanha a felicidade por portar significativa obra, Élis copiava os poemas dessa obra e as publicava no jornalzinho do Liceu, não só fez isso, mas também começou a criticar poemas antigos, como Camões, poemas de personalidade de Goiás, como Luís do Couto, Vasco dos Reis. Aqui, o poeta objeto de homenagem, já se tornou conhecido e famoso como poeta, passando agora a dedicar-se aos contos, haja vista que não se identificava com os romances.

Na sequência, Élis afirma que completavam seus estudos, as crônicas de Rubem Braga, estudos críticos de Tristão de Athayde, poemas de Mário e Oswald de Andrade, Augusto Schmidt e Jorge Amado, todos enviados por seu primo carioca, Ercílio, que além desses clássicos, o enviava também jornais. Talvez esse fato estimulasse Élis a mudar-se ao Rio de Janeiro para estudar literatura, quando findasse seus estudos no Liceu de Goiânia.

Apesar da decisão, o poeta afirmou em suas confissões biográficas que não dispunha de dinheiro para investir na viagem e hospedagem no Rio de Janeiro e ainda tinha receio de solicitar isso ao seu pai, pois a vida em Corumbá não era fácil economicamente. A solução encontrada foi empregar-se por ali, economizar e então seguir rumo ao seu sonho.

Élis empregou-se, criou um cartório de crime em Corumbá, onde foi nomeado seu titular. Contudo, o tempo passava e os rendimentos eram insuficientes até mesmo para as despesas rotineiras. Foi então que o inesperado aconteceu, quando um convite para secretário da Prefeitura de Goiânia chega ao ouvido do poeta. Sem pensar, Bernardo Élis mudou-se para Goiânia, já que via ali, o Rio de Janeiro mais próximo.

Contudo, alguns sonhos por vezes tende esperar sua concretude por tempo indeterminado, pois enquanto Élis não conseguia seguir ao Rio de Janeiro, concluía o resto de

seu curso ginasial e na sequência ingressou no curso de Direito, único curso superior existente ali. Mas não fez isso no anonimato, enquanto estudava, escrevia nos jornais da terra.

Ali, Élis conheceu um grupo inovador composto por José Bernardo Félix de Souza, Zecchi Abrão, Carlos de Faria, Décio Filho, Godói Garcia, Antônio Caldas, Gerson de Castro, Osvaldo Rosa, Domingos e Afonso Félix de Souza, época que surgiu a revista Oeste. Foram esses homens que aproximaram o poeta aos célebres Bandeira, Drummond e Mário de Andrade, pois Élis considerava-os sobre-humanos e inatingíveis, essa desconstrução de ideia foi importante para sua carreira.

Agora parece mais clara a trajetória de Bernardo Élis em suas próprias palavras, pois exprime que após o período de guerra, o mundo passa a ficar menor, através do rádio, elevação do padrão de vida, difusão dos livros e dos conhecimentos. Marcantemente, em 1944, através da Bolsa de Publicações de Hugo de Carvalho Ramos, criada pelo Prefeito Venerando de Freitas Borges, é criado seu primeiro livro de contos: *Ermos e Gerais*, por sinal, bem recebida pela crítica da época. Logo depois, outros livros vieram: *Primeira chuva* (poesia de 1953), *O tronco* (romance de 1955), *Caminhos e descaminhos* (contos de 1965), *A terra e as carabinas* (em folhetim de jornal local de 1951) e *S. Miguel e Almas* (romance pronto desde 1939, mas não publicado por julgá-lo incompleto). Em 1966 surge *Veranico de Janeiro*, em 1967, *O tronco* refundido. Já em 1973 destaca-se *Marechal Xavier Curado* – criador do exército nacional e em 1974, a *Seleta*, adotada como livro-texto nas escolas, conforme resolução do Secretário de Educação e Cultura do Estado de Goiás.

Desde então, o grande poeta e escritor afirma que buscou associar a literatura que tanto o encantou com todos seus conhecimentos e ainda com a beleza do Estado de Goiás, e admiração por sua terra natal, que sempre foi seu foco. Assim, têm fundado, dirigido e mantido jornais, revistas e suplementos literários, cursos de literatura, palestras, conferências, entre outros, ainda escreveu ensaios e promovido estudos.

Em 1965, Bernardo Élis obteve reconhecimento de sua obra *Veranico de Janeiro*, pois é com ela que é premiado o vencedor do concurso de contos, promovido pela Editora José Olympio, intitulado prêmio José Lins do Rego. Não parou por aqui, recebeu também, o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira, do livro *O tronco*. Foi essa mesma editora que divulgou o poeta nacionalmente. (ÉLIS, 1977).

Veranico de Janeiro, segundo o mesmo autor autobiografado, trouxe grande alegria e realização, todavia, observa com tristeza a situação do seu Estado, principalmente no

momento em que ocorriam mudanças no cenário nacional, como a construção de Brasília e criação de Goiânia: “Upa, como é duro e como é desanimador escrever num país de analfabetos e ainda por cima no sertão e por cima de tudo num Estado pobre e desimportante como Goiás!”.

Tamanho era o orgulho por seu Estado natal, que Élis alegra-se mais por Goiás, do que por si mesmo, quando foi eleito para a academia de letras em 23 de outubro de 1975, primeiro feito de um filho de Goiás. A consideração e admiração de escritores já consagrados da época, como Mário de Andrade e Monteiro Lobato, revelam o talento e importância do poeta para seu tempo, como no trecho da carta desse último a Bernardo Élis:

“Acabo de ler Ermos Gerais. O livro está prejudicado pelo talento do autor. Como derrama! Se você conseguir disciplinar, amansar o cavalo bravo do seu talento, e se admitir que um livro não é escrito para nós mesmos e sim para uns receptores espalhados pelo mundo e chamados ‘leitores’, teremos em Bernardo Élis o mais prodigioso escritor do Brasil moderno, o primeiro grande manejador da imensa massa de dores, estupidez crassa e tragédia que é o imenso Brasil analfabeto do interior.” (MONTEIRO LOBATO, 1965).

Foi a partir de Bernardo Élis que foi possível conhecer a realidade nos limites de Goiás, mesmo sem que o leitor nunca tivesse colocado seus pés em toda a região, tamanha era a riqueza de detalhes em suas obras, como em “André louco”, “A mulher que comeu o amante” ou “Nhola dos anjos e a cheia do Corumbá” e ainda “Tinha uns olhos claros e limpos de madrugada”, “Manhã de mel” entre outros, principalmente, “Veranico de Janeiro” e “A enxada”, as quais merecem destaque nesse estudo.

Fica aqui a certeza que a arte de Bernardo Élis é toda carregada de sensibilidade, aflorada por doses de rebeldia e piedade em suas obras, transparecendo por ora dores e uma mistura de emoções e dramas, na figura de seus personagens, que são reflexos das suas vivências no Estado de Goiás, como já havia dito Mario de Andrade: “Você têm a qualidade principal pra quem se aplica à ficção: o dom de impor na gente, de evidenciar a ‘sua’ realidade, pouco importando que esta ‘sua realidade’ seja ou não o real da vida real.” (ÉLIS, 1977).

Portanto, fica claro que toda obra de Bernardo Élis, busca retratar o homem que vive no sertão goiano, com suas dores, aflições, angústias, frustrações e anseios. O homem que começou a escrever pelos seguintes objetivos, segundo Bandeira (apud Élis):

Foi por imitação que comecei a escrever: imitação ao meu pai no próprio ato de escrever e depois imitação de alguns escritores com cuja obra sentia identificar - me. [...]

Não posso negar que foi meu pai que despertou em mim o gosto literário. De certa forma, dadas às peculiaridades de seu temperamento, tinha orgulho de ser escritor. [...] Para ele, os mais dignos e brilhantes homens seriam os artistas cuja figura reverenciava constantemente – os escritores, os músicos, pintores, escultores, filósofos, pensadores, cientistas.

[...]

Meu pai costumava escrever seus trabalhos literários e os ler para que nós ouvíssemos. Dizia que queria saber se teria conseguido transmitir o pensamento de forma cabal e de maneira agradável.

[...]

A partir dessas leituras, eu percebi que também poderia fazer alguma coisa escrita e escrevi meu primeiro conto, uma longa estória de assombramento calcada em um conto sertanejo e Afonso Arinos, escritor elogiado pelo meu pai.

[...]

Por que comecei a escrever? a) Para imitar meu pai; b) para imitar aquelas obras que se afinavam com a minha visão de mundo; c) para explicar a mim mesmo certos aspectos que me pareciam estranhos no mundo e nos homens e d) para externar sentimentos, emoções, expressões inibidas por minha timidez.

Já em sua autobiografia de 1988, em *O tronco*, o escritor revela que fora casado com a professora e pintora Mana Carmelita Fleury Curado. Conta ainda de fatos de sua vida, nos últimos anos, como sua função de assessor cultural nos escritórios de Representação do Estado de Goiás, no Rio de Janeiro e Brasília e ainda quando reassumiu o cargo de professor da Universidade Federal de Goiás, simultaneamente, exercendo a função de diretor adjunto do Instituto Nacional do Livro em Brasília.

Bernardo Élis, de acordo com Bandeira (2014), encerra seu ciclo em 30 de novembro de 1997, na mesma cidade que nasceu, cresceu e foi alvo de suas obras. Homem que vivenciou e foi influenciado intelecto e subjetivamente pela vida do sertanejo goiano. Tudo isso é evidenciado em suas obras ao retratar a natureza, os personagens, os lugares e a linguagem dos habitantes do sertão de Goiás, ou seja, é capaz de transmitir o tempo social e econômico em que vivem os personagens que criou.

CAPÍTULO 3

UMA COMPARAÇÃO DA FICÇÃO COM A REALIDADE NA OBRA DE BERNARDO ÉLIS

3.1 *Veranico de janeiro*

O conto *Veranico de Janeiro*, que também intitula a obra de 1966 de Bernardo Élis, é o primeiro conto da obra. O conto fala da história sofrida e árdua de Isidoro, personagem central do enredo, um moribundo que trazido por Zé do Julião à cidadezinha num carro de boi, calculava-se uma morte digna, como percebe-se na obra:

[..] Aí o carreiro formalizou-se: - Não vê que não é defunto! Ocês tão é malagourando o prove. [...] O carreiro dava definição não muito a vontade que vinha trazendo para a cidade o velho Isidoro, morador no Barreiro do Meio. Não era d'hoje que ele ei-vinha sofrendo uã fadiga, uã falta de ar, e agora a coisa empiorou. Talvez ali na rua outorgassem mais recurso, pois o coitadinho vivia sozinho num rancho lá no mato, largado que nem vara de porteira quebrada. (p.5)

De acordo com Bandeira (2014), o autor tem sua autenticidade garantida ao destacar o espaço e a história do Oeste do Brasil, descrevendo como ninguém, a cultura do povo do interior e seu admirável modo de vida. Silva (2013) complementa afirmando que a obra de Élis é rica em personagens talentosamente descritos, capazes de conviverem num mesmo cenário (o sertão goiano), porém sob condições sociais opostas. O seguinte trecho do conto “Veranico de Janeiro”, ilustra bem essa análise de cotidiano e o regionalismo na obra de Élis:

[..] O sol era um sol terrível, de umas três horas da tarde, que arrancava fásca nas lajes, acendia-se em chispas nas folhas verdes, tremia nos longes num retremor de vapor exalando. Veranico de Janeiro. Veranico brabo que estava esturricando os milharais embonecados e os arrozais principiando a inchar os grãos. Tão forte que a poeira levantada pelo carro e suas dez juntas de bois imitava poeira do mês de agosto. (p.4)

No conto, a história de Isidoro parece ter seu rumo modificado ao chegar à cidade, após compaixão de Zé do Julião, o carreteiro. Na sequência, Liduvino, dono da vendola, é intimado pelo carreteiro a ajudar o pobre homem, que até foi confundido com um morto. Foi

natural a procura por Liduvino, pois este era tido como defunteiro naquela região, além de tocador de rabeca.

Todavia, achar uma boa alma que aceitasse a árdua tarefa de cuidar de um enfermo sem perspectivas animadoras, não era tarefa fácil. Assim, esses pobres homens não tiveram alternativas, a não ser lançarem-se de porta em porta, rua a rua abaixo, a fim de encontrar solução para aquele impasse, ainda mais num cenário de pobreza e dificuldades, percebidos pela descrição das condições de moradia, vestimentas e fala dos personagens.

De acordo com Vieira (2009), as obras de Bernardo Élis são associadas ao contexto de permanência e transformação do regionalismo brasileiro dos anos de 1930 a 1940, tenso e crítico, como nas obras de importantes escritores da época, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha. Homens que assumiram a vida simples e popular como o epicentro de suas obras.

Segundo o mesmo autor (Vieira), outra característica diferencial do poeta e escritor, é o fato de colocar o leitor frente ao culto com o popular, de modo que trabalha a tradição culta a que exige os grandes escritores, bem como a tradição oral, herança do sertão goiano, muito forte nos contos de “Veranico de Janeiro”, como a seguir:

[..] Em lugar do homem surgiu a mulher gordona, dente de ouro a frente, os peitos gorduchos mal cabendo no cabeção de renda. Cumprimentou a todos apertando a mão e, faladeira como era queria saber de onde era o carreiro:
- Uai! Ocê é dos Anjos? Pois conheço demais! Ocê foi que casou com a Miliquina, que mal pergunte?
- Nhora não – informava sério o carreiro, com seu ar de enfezadão. – Casei foi com a Nhana, Nhana da Rita da Rabuleira de Trás. [...] (p. 8)

Afora isso, Bernardo Élis aventa o modo de vida dos indivíduos que vivem no “sertão goiano”, e, ao tratar de aspectos culturais e da relação ser humano/natureza, expõe as contradições, conflitos, desigualdades, e ambiguidades que aí perpassam. (ÉLIS, 1977). O livro tem na capa um desenho de um carro de boi que caracteriza o conto “Veranico de Janeiro”, o livro foi publicado pela livraria José Olympio no Rio de Janeiro em 1977.

Bandeira (2014) afirma que Bernardo Élis descreve com habilidade a vida do sertanejo goiano, pois vivenciou e foi influenciado intelecto e subjetivamente por este lugar, pois é evidente nos contos em destaque, a natureza, os personagens, os lugares, a linguagem de quem habita o sertão de Goiás. Então, verifica-se nessas obras o ruralismo, haja vista que a

linguagem empregada em toda sua essência, permite caracterizar o tempo social e econômico que vivem seus personagens, como observa-se nesse trecho de “Veranico de Janeiro”:

[..] A gente não tem é cômodo adonde ponhar o desinfeliz...
Equivou-se à caridade, mas ponderou que na cidade havia um doutor médico, porque não o procuravam? Liduvino não disse arroz, mas não tomou conhecimento da proposta. O médico não andava nas boas graças do coronel. E não seia por sua mão que Liduvino iria afrontar a ira do tuntuquera. Depois de pensar um tiquinho, o que fez roendo as unhas grossas e fortes, Liduvino chamou o carreiro e saíram ambos da vendola. (p.6)

Posteriormente a apresentação dos personagens centrais, que são Liduvino, Zé do Julião e o moribundo Isidoro, surgem também Capitão Benedito, Chiquinha do Amaro, Bertolino e Dr. Flores no cenário de uma cidadezinha do sertão de Goiás. Quando enjoados de ouvir um não, quanto ao acolhimento de Isidoro, Liduvino recorre então a Chiquinha do Amaro, pobre mulher de vida sofrida também.

Retomando a história, a justificativa de possuir títulos de dívida, de posse dos tutores de Isidoro, que passaram a divulgar este diferencial, Dona Chiquinha aceita essa responsabilidade, porém o inesperado se deu, e aquele homem que tinha os dias contados para todos que o viam, seu prazo só se estendeu e tornou-se motivo de decadência daquela vida já infeliz e sofrida dos familiares da senhora Chiquinha.

Por intermédio do personagem Liduvino, o bom samaritano, Dona Chiquinha aceita o pobre em sua casa, mas precisa de recursos para mantê-lo ali, assim começa então, uma briga dela com o Capitão Benedito que tem o dinheiro necessário para ajudá-la a sustentar o doente em sua casa. Mas isso não foi conseguido de forma simples e branda, pois o coronel tratava-se de um homem mesquinho, agiota, especulador e ainda vingativo, a ponto de inventar lorotas a respeito daqueles já castigados pela miséria. Parte desse impasse é percebida no trecho:

[..] – O Capitão, num vô vossuncê que nós tá precisando de arreceber o dinheiro dessa letra pra mode tratar do doente?
Capitão guspinou nas perpétuas que cresciam entremeio às lajes, gemeu, alegou que não fazia negócio com o título porque o aqueredor, era o doente, não tinha outorgado autorização a ninguém para receber a importância. E o falecido ainda estava vivo – que Deus o livre e guarde – acrescentou para afugentar a infelicidade. [...] (p.15).

Independente do conto, quando trata-se da obra de Élis, três etapas são importantes na justificativa do uso da linguagem utilizada pelo autor, a saber, a composição, a realização e a modulação, haja vista que em cada uma delas há uma singela separação entre o que é regionalismo e aquilo que cabe ao universalismo. (BANDEIRA, 2014).

No conto, sobre a premissa de mais tarde receber os títulos de dívida acumulado pelo Isidoro, Dona Chiquita recebe o pobre homem de dias contados, justamente no único cômodo que sua filha, mulher da vida, utilizava para receber seus clientes. Mas a princípio, isso não seria um problema, já que o doente estava no fim. Todavia, os dias foram se estendendo, sem o ofício da filha e nas precárias condições de moradia ali encontrada, até mesmo a filha mais jovem de Chiquita, a filha amasiada, adoeceu e o desespero tomou conta de sua casa:

[..] Quando chegava em casa, Chiquinha quase que apanhava das meninas. A filha mais velha que era mulher-dama chorava pelos cantos, clamando que não ganhava mais dinheiro, que os homens não a procuravam como antigamente. É que o doente cupava o único catre que existia na casa e no qual ela recebia a freqüesia. Chiquinha também sentia no estômago o peso de sua caridade, pois quem tirava alguma rendinha, mesmo que muito pequena, na casa, era a filha meretriz, e o “defunto” agora estorvando o ganha-feijão.[..] (p.22).

Dona Chiquita é obrigada, diante do agravamento desse quadro, a procurar novamente o capitão Benedito, como se isso fosse amolecer o coração de pedra daquele aproveitador que se enriquecerá as custas de lograr os pobres e humildes dali. Como o previsto, a apelação não teve efeito e o pior ocorreu, o cruel capitão acusou-a de se aproveitar-se do estado de Isidoro, apropriando-se indevidamente de seus bens.

Esse conto só vem afirmar que Élis, além de criar grandes clássicos literários, têm marcada na sua obra também, a inovação em denunciar a miséria, opressão, a influência de políticos no controle social, e isso ele fez sem autoridade política, pois seu foco era o povo que ele mesmo fazia parte e retratava. Talvez isso explique o fato de Bernardo Élis nascer e crescer em sua terra natal, que gerou um homem tímido, mas atento às inovações e problemas à sua época. (VIEIRA NETO, 2012).

Continuando o enredo, o desespero de Dona Chiquinha e a mesquinhez e desumanidade de Capitão Benedito, influente político da pacata cidade do interior de Goiás, é bem visível aqui e reforça as afirmações de Vieira Neto:

[..] – Polo amor de Deus, seu major capitão, meus cobres...
- Tenho nada com seus rolos. Procurar o carreiro ... – repostava ele com o mínimo de palavras, a cara erguida, os olhos quase que fechados.
Ela representava para o usuário que estava passando fome, que o doente carecia de fazer uma consulta com o Doutor Loureiro; tinha precisão de comer mingau de farinha de trigo. Mas capitão soltava suas baforadas calmamente, os olhos morteiros como se não tivesse ninguém o interpelando. Chiquinha apelava para os santos e para o amor das filhas do velho, que não era possível uma coisa daquelas, se o coronel não houvesse garantido, ela não teria hospedado o doente, que hospede e peixe três dias fede... Ia indo, Chiquinha desesperava-se, gritava, saía pisando duro, resolvia pedir esmolinha para tratar do doente. Entrava na venda de seu Raimundo, expunha suas aflições. [..] (p.23).

Ainda segundo Vieira Neto (2012), o sertão goiano é muito bem apresentado e divulgado por Bernardo Élis, contudo, na fala do autor, percebia um descontentamento de sua parte em relação à crítica literária da época, pois sentia que as conotações a respeito do regionalismo de sua obra eram limitadas e pejorativas. Tamanho o isolamento geográfico do Estado de Goiás, Élis tentou a vida no Rio de Janeiro para, de certa forma, mostrar Goiás para o Brasil inteiro. Por fim, no final de sua vida, Élis frustrou-se, por perceber que nenhum crítico literário de renome nacional tivesse efetuado algum estudo sobre sua obra.

Ao todo, no conto, não sabe-se de fato quem tinha a intenção de ajudar Isidoro, nem o próprio se ajudava, pois não melhora nem piorava. O carreiro, no final das contas queria mesmo era receber pela viagem e condução do enfermo, Liduvino, despachá-lo aos cuidados de alguém, o capitão nunca se importou e Dona Chiquinha, a pobre, tamanho desespero com sua situação por ter de acolhê-lo, que até tentou matar o homem.

Dona chiquinha, num ato final de aflição, chega a cobrar pessoalmente o capitão pelos títulos que este recolherá, mas que friamente tinha o despautério de afirmar que nunca viu tal valia. Foi então que o capitão ameaçou chamar as autoridades para deterem Dona Chiquinha, por acusação de calúnia. Se não bastasse tudo isso, o homem ainda acusou-a publicamente de usufruir do dinheiro do moribundo, deixando todos os moradores do lugar desconfiados do caráter de Dona chiquinha. Essa situação desequilibrou a mulher, como mostra o trecho:

[..] “Isidoro é que era um peste. Não morria, tomando o lugar das filhas, estorvando as noites de sono, obrigando a gente a pedir esmolos, a brigar com a cidade inteira.” [..] “E se a gente matasse o doente?” – Esse pensamento brotou no cérebro da mulher, que o afastou assombrada. A ideia sempre lhe surgia na mente, mas ela sempre a empurrava pra lá, nem permitindo que se configurasse nitidamente. “Era pecado, pecado mortal,

coisa medonha. Deus me livre e guarde de tirar a vida de um semelhante. Cruz!”[...] (p.30).

De acordo com Vieira Neto (2012), o coronelismo e a política dominada por estes e suas influências no meio social, manteve instituições como a família patriarcal, a servidão das classes pobres e a terra, permitindo verificar o atraso socioeconômico marcante do centro oeste do Brasil. O autor apontava que esse cenário, as oligarquias goianas, justificava-se pelo atraso desse povo, que ainda admitia a dominação e supremacia política de quem se mantinha no poder.

Próximo ao desfecho do primeiro conto do livro “Veranico de Janeiro”, o desespero da pobre Chiquinha chamou a atenção do Dr. Flores que enfim, reuniu a caridade pública para dar fim àquela situação. Este iniciou as arrecadações e logo encarregou um menino para solicitar o auxílio de toda a cidade, até mesmo do Capitão Benedito. Claro que esse último não sensibilizou-se com a causa. O pedido chegou aos ouvidos do coronel, que de tudo tira proveito, até mesmo sobre o disfarce da Irmandade de São Vicente de Paulo, que mantinha um asilo, era mais fácil assim, promover-se e ninguém discutia ou questionava o coronel, vai que algum dia precisasse de sua influência política.

Desse modo, finalmente o dinheiro proveniente dessa campanha chega às mãos de Dona Chiquinha, que logo alimentou o moribundo com o único alimento que conseguia ingerir, o leite, mesmo que à força. Liduvino acompanha esse sofrimento, e após todos os esforços de Chiquinha, desenganou Isidoro por várias vezes, a ponto de encomendar seguidamente várias velas de extrema-unção, a que se metia fazer. Todas em vão, lá seguia firme no seu ofício de enfermo, o desenganado Isidoro. Cansado de alarmes falsos, Liduvino percebe que o homem não dá sinal de vida, mas como isso já era rotina, prefere seguir ao encontro da banda a qual fazia parte, pra depois então conferir a vitalidade do homem.

No texto, percebe-se esse desfecho na seguinte passagem:

[..] Liduvino ergueu-se, benzeu-se, espevitou a candeia entre dois bocejos e alumiou a cara de Isidoro. Quietos, quietos. O rabequista tomou da mão dele, ergueu o braço e o braço tornou a cair flácido e largado. Por via das dúvidas, pensou consigo Liduvino, vou primeiro no ensaio e, depois que voltar, se o bicho tiver mesmo amarelado os pés, aí a gente participa Dona Chiquinha. [...] (p. 35).

3.2 *A Enxada*

O outro conto a ser analisado se chama “A Enxada”, seus personagens são Dona Alice, Supriano (Piano), Seu Joaquim Faleiro, Elpídio Chaveiro, Olaia, o vigário. O conto fala da dura vida de Piano, homem comum do sertão goiano que precisa prestar serviço ao Seu Elpídio que tem até data de entrega, mas o capitão não lhe fornece o principal: “a enxada”.

Aqui, como em todas as obras de Bernardo Élis, não poderia faltar a caracterização da terra natal do autor, como aqui:

[..] De fato. Estrelas no céu, Piano se levantou e, sem esperar pelo café abalou-se. Um solão esparramado refletia-se nas poças d’água das derradeiras chuvas quando ele chegou na Chapada, no alto, para revirar a cabeceira do Cocal. As seriemas corriam por entre as gabirobeiras, muricizeiros e mangabeiras carregadas. [...] (p.45).

De acordo com Silva (2013), com destreza e maestria, Bernardo Élis detalha minuciosamente o sertão goiano e ainda cada personagem que retrata o homem que mora ali, como no trecho acima, confundindo o leitor, impossibilitando-o de ter a clareza se o que se lê é realidade ou imaginação. Pode-se afirmar então, que trata-se de um autor que descreve o cotidiano, o drama e as relações humanas que se dão no Oeste do Brasil.

Como pagamento de uma dívida, Piano foi entregue ao capitão pelo delegado da cidadezinha, e assim, ele passa a ser propriedade do capitão. Acontece que Piano era homem pobre, casado com Olai, tendo inclusive um filho deficiente, residindo em condições precárias, próximo à fazenda de onde tinha a missão de plantar o arrozal, antes do dia de Santa Luzia.

De acordo com Oliveira (2008), é natural o ocorria na vida do personagem central, ou seja, a escravidão legalizada de Piano, homem muito pobre. Era comum o pagamento de dívidas com a força do trabalho e ainda violência e maus tratos eram comuns por parte de fazendeiros e coronéis. Além da crueldade presente no tempo do coronelismo, bastante presente nesse conto, observa-se também, as instabilidades na relação de trabalho no campo. Assim como em “Veranico de Janeiro”, o conto, aqui também Bernardo Élis transfere a realidade da dimensão social para o mundo ficcional.

São vários os trechos passíveis de ilustrar a denúncia à brutalidade com que o homem goiano desprivilegiado fora tratado, bem como a submissão dos pobres para com os ricos:

[..] Piano destorceu para dentro da soroba, mas nesse meio tempo ouviu um estampido e barulho de ramos estraçalhados oor bala. Se deixou cair no chão, onde ficou encolhido feito filhote de nhambú, mas o ouvido alertado. Quando viu foi as patas imensas dos cavalos pisando o barro juntinho com sua cara e já Piano sentia uns safanões, socos, pescoções. Puseram ele de pé, amarraram as munhecas com sedenho. Tudo tão no sufragante! [...] (p.45)

O que este conto relata como pessoas humildes viviam no campo e, passavam por muita tortura por pessoas de nível social alto, a classe rica. O conto expressa visivelmente a vida sofrida da classe pobre, os latifundiários, como eles eram tratados como próprios animais e tinham que submeter-se aos maus tratos de quem tinha poder e dinheiro e, como em nosso cotidiano isso continua acontecendo, principalmente neste ambiente em que o autor coloca em seus contos, o sertão.

Não se pode deixar de mencionar a questão da utilização da linguagem do cotidiano na obra de Élis, pois, de acordo com Oliveira (2008), o pensamento se organiza e é expresso com determinadas estruturas de linguagem que se aproximam do popular, de modo que ocorra comunicação. Verifica-se então que a linguagem literária não é inflexível em relação às regras gramaticais e normas vigentes. Bernardo Élis sente-se muito a vontade nesse espaço cedido pela literatura. Agora alguns exemplos:

[...] Um tropel no chão batido e molhado. Uma voz.

- É o nego, que mal pergunte?

- Nhor, sim.

Tinido de freios e esporas. Cheiro de animal molhado e suarento. Rangido de sela molhada e mal engraxada.

- Bamo desaparecer.

- Demora é curta. Noite tá escura despropósito. Careço de romper.[...] (p.51)

O protagonista Piano, tenta de todas as formas arranjar um jeito de emprestar, comprar ou até mesmo financiar a tão necessária enxada, pois sem esse instrumento era praticamente impossível cumprir sua pena. Acontece que era até prezado pelo Senhor Joaquim, dono de um pequeno pedaço de terra do lugar, contudo, este sabia que o instrumento era pra beneficiar o Elpídio, que era conhecido na região por todos, então, negou ajuda a Piano.

Piano não cansa de ir à procura da ferramenta, chega até a dormir na porteira da fazenda, perto de onde residia, para ver se conseguia algo com alguma pobre alma que passasse por ali. Esforços em vão, até que encontrou o padre por aquelas terras. Encheu-se de

esperança, foi a pé até a cidade, numa longa distância, pois o pobre prometeu emprestar-lhe a enxada que estava nos fundos da igreja. Animou-se e desanimou-se rapidamente, pois o sacristão não a encontrou, dando-a por furtada dali dos fundos da igreja.

De certa forma, as obras de Élis permitem visualizar a história do próprio Brasil por meio da sua escrita, pois a sobrevivência de uma população após o regime de senhores e escravos, e a mobilidade desse povo no sentido de garantir sua sobrevivência, seja através da mendicância ou prestando os mais variados serviços aos senhores das terras. Mescloou-se então diferentes tipos de raças e costumes na tentativa de garantir meios de sobrevivência, ainda mais no sertão goiano. (OLIVEIRA, 2008).

De acordo com o mesmo autor, é muito presente na obra de Bernardo Élis, traços culturais marcantes do povo do centro Oeste, e principalmente do homem do campo, como no conto “A enxada”, as manifestações culturais ligada ao canto, fala, culinária, vida religiosa, crendices, entre outros, como nesse trecho:

[...] Na porta da igreja, os mordomos cumpriam suas tarefas: as fogueiras do Divino, de São Benedito e Santa Ifigênia iam-se erguendo. A do Divino naturalmente que era a mais alta e larga das três. As restantes eram de santos de negro e de pobres e não podiam ter a imponência, a intimação das outras, que isso até era mesmo uma determinação de Deus Nossinhô. Ainda no céu haveria de de guardar estatuto de primazia e lá mais do que na terra isso de grandezas e honrarias era muito baseado, com poder de castigo para quem não cortasse em ribinha do risco. [...] (p.56 e 57).

Voltando ao conto, Piano é agredido e ameaçado várias vezes, físico, verbal e psicologicamente, no meio tempo que procura pela enxada. Sem encontrar, volta desanimado pra perto da sua esposa doente, a Olaia e pra perto de seu filho deficiente, como se a vida já não fosse severa demais com o pobre homem. Piano já não vê saídas pra sua angústia, já que mesmo os preparativos pra festa de Santa Luzia, não o deixam esquecer que seu prazo encontra-se no fim.

A obra, segundo Carneiro (2012), permite perceber a evolução do Brasil daquela época até agora, mas permite refletir também, o que se há ainda de progredir. Mas aquela época, Piano é sinônimo de vulnerabilidade, dentro de um sistema em que somente o homem trabalhava sem nenhum questionamento sobre as ordens de poucos que tinham poder e dinheiro. Piano em nenhum momento contesta, protesta ou lidera algum movimento que objetivas mudanças, ele só queria pagar a dívida: “A gente não quer nada de graça. É só colher a roça, a gente paga...” (p.37).

Encerrando a triste história do conto em questão, na noite anterior ao dia de Santa Luzia, Piano já delira em sua residência de condições doentias, tamanha a pressão psicológica a respeito da dívida, e também sobre a ameaça de prisão caso isso não se concretiza-se. A noite chovia, e ele já escutava barulho de comitiva de bois que paravam pra descansar perto de onde dormia com a família. Olaia afirmou naquela noite ter escutado um grito de morte passando por ali, enquanto Piano, num delírio final, vias várias enxadas saindo das faíscas do fogo insuficiente que vinha de dentro do barraco que morava.

No trecho a baixo, observa-se com detalhes os delírios de Piano:

[...] – Olaia, Olaia, vigia a enxada.
As labaredas brigavam com as sombras, pintando de vermelho ou de preto a cara barbuda de Piano arcado sobre a paralítica:
- Vigia só a enxada!
Olaia admirada, passou a mão pelos olhos. Será que não estava dormindo? Por mais que procurasse ver a enxada que Piano lhe mostrava, o que percebia era um pedaço de galho verde em suas mãos. Talvez murici, talvez mangabeira. Mas ferramenta nenhuma ela não via. “ O homem tava não regulando, será?” – pensou Olaia otusa. [...] (p.52).

Acontece que após entusiasmos de ter conseguido a enxada, apenas no campo da sua imaginação, Piano desce para o local de destino de sua plantação de arroz, e aquilo que teria que ser feito com a lâmina firme e rígida de uma enxada, Piano o faz com as mãos, a ponto de mutilar-se. Termina uma saca grande e pesada do grão e vai a casa buscar a restante. Olaia assusta-se com a imagem que vê e antes mesmo de Piano sair novamente, escuta o segundo uivo da morte, isso já era dia de Santa Luzia.

A mulher estava certa, era anúncio de morte de fato, aquele que tanto sofreu e brutalmente cumpria sua sentença, é assassinado por tiro de fuzil dos soldados que a mando de Elpídio, tinham o ofício de torturar os pobres, humildes e alienados do lugar. Nesse trecho, a subordinação e a violência imposta pelo coronelismo da época, emocionam o leitor:

[..] Os soldados aproximaram-se mais para se certificarem se aquele era mesmo o preto Supriano. Tão esquisito! Que diabo seria aquilo? Aí Piano os descobriu e, delicado como era, suspendeu o trabalho por um momento, para salvá-los:
-Óia, ô! Pode dizer pra Seu Elpídio que tá no finzinho, viu? Ah, que com a ajuda de Santa Luzia ... – E com a fúria agora tavalhava agora o toco de mão no chão molhado, desimportanto de rasgar as carnes e partir os ossos do punho, o taco de graveto virando bagaço: - ... em ante meio-dia, Deus adjutorando...[...] (p.54).

Aqui, e em todas as suas obras, como nos demais contos de Veranico de Janeiro, Bernardo Élis, mostra seu talento, no fato de colher matéria prima do meio que o circula e transformar tudo isso em grandes histórias que já não se sabe mais a determinado momento se são reais ou ficção, tamanho impacto que causam no leitor. Bernardo Élis abala as estruturas, desacomoda, desestabiliza e permite uma reflexão séria a respeito de tantos Pianos que ainda sobrevivem nos sertão de Goiás. (CARNEIRO, 2012).

Portanto, com base na análise dos dois contos de Bernardo Élis, é possível perceber que o autor não dá voz e vez ao homem do sertão goiano, retratando a dura realidade e péssimas condições de vida de seu povo em suas obras, povo esse oprimido e desamparado. Entende-se então uma característica marcante de Élis que vai além do cotidiano, regionalismo e ruralismo: seu papel de denunciante da opressão e autoritarismo da época. Assim, não tem como não recomendar a obra do goiano que não tem apenas a marca do Oeste do país, pois em Bernardo Élis vê-se um pouco da realidade de um país inteiro, que mantêm ainda traços, costumes e características importantes daquela época.

De fato é imensamente incrível o poder que a literatura tem de permitir que o leitor exceda seu cotidiano atual e consiga ir diretamente ao tempo e espaço ao qual o autor permite estar, diante da maestria com que escreve e exprime suas emoções e experiências vividas, além de permitir sentir, é capaz ainda de encorajar o leitor a buscar maneiras de interferir no campo social, político e econômico que é apresentado em cada linha consumida e transmitir esse estímulo ao seu tempo atual. Há de se acrescentar que Bernardo Élis proporciona tudo isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso propôs uma análise comparada da literatura e cotidiano do livro de Bernardo Élis, “Veranico de Janeiro”. As paisagens do cerrado são personagens em Bernardo Élis, entretanto, não se pode perder de vista a dimensão artístico-poética de “Veranico de Janeiro”, pois, mesmo que o literato tenha se fundamentado em uma realidade palpável, a literatura lhe permite ir além desta para construir o enredo. Assim fica mais fácil de perceber e compreender que essa obra não é a simples representação fidedigna da realidade, mas sim, um construto de linguagem contido no campo literário que vagueia entre a realidade e a ficção.

É possível dizer, através da interpretação das obras analisadas, que a literatura pode ser interpretada como a ponte entre a História e a ficção. No livro os fatos ficcionais misturam-se com a realidade e o cotidiano, vividos pelos personagens no sertão de Goiás. Além disso, o autor, no título expressa também uma temporalidade, ou seja, o título que dá nome a obra, “Veranico de Janeiro”, denota um período do tempo climático no ano, o que, por conseguinte, carrega sentidos e significados para as pessoas que vivem no cerrado goiano.

Os contos em destaque expressam visivelmente a vida sofrida da classe pobre, como eram submetidos aos maus tratos de quem tinha poder e dinheiro, numa mistura fantástica de vários sentimentos vivenciados por cada um de seus personagens, até chegar a um determinado momento em que não se podia mais separar o real com a ficção, tamanho era o talento e a perfeição de Bernardo Élis em descrever a vida do homem goiano. Notou-se em tudo isso como o regionalismo é muito presente nas obras do autor.

Bernardo Élis aventa o modo de vida dos indivíduos que vivem no “sertão goiano”, e, ao tratar de aspectos culturais e da relação ser humano/natureza, expõe as contradições, conflitos, desigualdades, paradoxos e ambiguidades que aí perpassam. Sendo assim, por fim, a perspectiva de trabalhos futuros é referente a estudos de livros que possam esclarecer assuntos importantes sobre Bernardo Élis, o cotidiano e o regionalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Aurea Marchetti. **Fronteira e natureza na obra de Bernardo Élis**. Dissertação de Mestrado do Centro Universitário de Anápolis. Goiás, 2014. Disponível em: <<http://www.unievangelica.edu.br/files/images/AUREA%20MARCHETTI%20BANDEIRA.pdf>> Acesso em: 26 de Outubro 2015.

BERGEZ, Daniel. **Métodos críticos para a análise literária**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOTELHO, Cristina; FERREIRA, Luciana Cavalcanti. **Crítica literária: Conceitos e evolução**. Travessia, Ano XII, 2010.

CARNEIRO, Fabianna Simão Bellizzi. **Trabalho, opressão e língua no conto “a enxada”, de Bernardo Élis**. Anais do SIELP. v. 2, n. 1. Universidade Federal de Goiás. Uberlândia, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_120.pdf> Acesso em: 26 de Outubro 2015.

CARRIZO, Silvina Liliana. **Discutir o regional: Gilberto Freyre e José Carlos Mariátegui: Literatura e pensamento (1920 – 1930)**. Juiz de Fora: Editora UFJE, 2013.

CHIAPPINI, Lúcia. **Do Beco ao Belo: Dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.8, ano 15, 1995. P.153-159. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1989/1128>> Acesso em: 03 de Setembro de 2015.

ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

ÉLIS, Bernardo. **O Tronco**. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

OLIVEIRA, Andria da Silva. **A construção literária do homem simples: alienação e metamorfismo**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2008. Disponível em:

<<http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/001c6a6d3dc30aea6fcdeeaafd3397e24.pdf>> Acesso em: 26 de Outubro 2015.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1997.

SILVA, Sandro Dutra e. **A fronteira e os domínios do Cerrado: literatura e história ambiental no conto “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá” de Bernardo Élis**. XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH BRASIL. Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em:

<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372517262_ARQUIVO_Anpuh2013.pdf> Acesso em: 26 de Outubro 2015.

VALLERIUS, Denise Mallmann. **Regionalismo e crítica: uma relação conturbada**. Revista Antares Letras e Humanidades, n.3 – jan-jun 2010. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=regionalismo+e+critica+uma+rela%C3%A7ao+conturbada+pdf> Acesso em: 26 de Outubro 2015.

VIEIRA. Miguel Heitor Braga. **Marcas de oralidade em “mulher que comeu o amante” de Bernardo Élis**. Revista do GT de literatura oral e popular da ANPOL, n.8. Jul-Dez. Londrina, 2009. Disponível em:

<<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/Miguel%20Heitor%20Braga%20Vieira.pdf>> Acesso em: 26 de Outubro 2015.

VIEIRA NETO, José Henrique. **O tronco: obra literária de Bernardo Élis (1956), filmica de João Batista de Andrade (1999) e as conexões possíveis entre cinema, literatura e história**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2010. Disponível em:

<<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1385/1/TroncoObraLiteraria.pdf>> Acesso em: 26 de Outubro 2015.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **Afinal, o que é literatura?** In: BONNICE, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.